

PULSÃO E EXCESSO: O TRAUMA NA CENA CONTEMPORÂNEA

Autor: Maria Lucia Macari

Universidade Federal de Santa Maria

Departamento de Psicologia

marrymlm@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa visa explorar a bibliografia que vem sendo produzida sobre o mal-estar na cultura contemporânea e as novas formas de subjetivação para dessa forma entender melhor as mudanças que vem ocorrendo no campo do social nos últimos 100 anos de forma que as novas subjetividades não se constituem mais como na época de Freud, existindo outras formas de manifestação do mal-estar predominantes. Utilizamos como base a segunda teoria do trauma de Freud presente em sua obra de 1920 “Além do principio do prazer” para pensarmos nessas novas formas de subjetivação a partir de um excesso pulsional que não é representado, escoando pela via do corpo e do ato, entrando em uma compulsão à repetição.

Palavras-chave: mal-estar na cultura, narcisismo, pulsão

Quando penso em subjetividade na contemporaneidade, as imagens que logo surgem em minha mente mostram rostos felizes, corpos esbeltos, comidas saudáveis e remédios milagrosos. É interessante pensar que ao me referir ao termo subjetividade, logo evoco registros da ordem do corpo, algo muito presente na cena contemporânea. Um dos maiores erros de algumas correntes psicanalíticas pós-freudianas, foi esquecer que esse corpo existe, ou seja, que há um sujeito encarnado. É importante ressaltar que essa corporeidade a qual me refiro não é de ordem biológica e anatômica, mas sim uma corporeidade formulada pelas concepções de corpo erógeno e corpo pulsional (BIRMAN, 1998). A corporeidade do sujeito revela o que é mais incerto na experiência da existência, já que mediante aquela, a subjetividade indica sua falibilidade (BIRMAN, 2014a). Essa falibilidade poderia ser pensada em termos de pulsão e excesso, ou seja, existirá um excesso de excitação pulsional e o Eu não conseguirá representar essa pulsão que será descarregada imediatamente pela via do corpo e do ato. Esse Eu certamente carece de recursos simbólicos para lidar com esse excesso pulsional, transformando essa experiência, em uma experiência traumática (FREUD 1920/1996). Essa impossibilidade de dar um sentido causará uma desestruturação no Eu, evidenciando uma fragilidade narcísica.

Vivemos em uma cultura que presa imagens, onde a cena social se reduz a uma “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1992) onde há uma produção e exaltação desenfreada de imagens de si mesmo, para o deleite do outro (BIRMAN, 2014b) num jogo entre ilusão e amor, sendo este último, uma necessidade humana primeva. Em outras palavras, se busca o ideal em prol do reconhecimento dos outros, por isso a necessidade incessante desse olhar do outro. Podemos dizer que isso evidencia uma fragilidade na constituição narcísica, ameaçando a existência do Eu. Podemos dizer também que essas novas configurações evidenciam as novas formas de mal-estar presentes na contemporaneidade.

Assim, podemos pensar que as manifestações atuais do mal-estar implicam uma pura descarga da excitação para o registro do somático em decorrência da impossibilidade de simbolização, ou seja, quando a pulsão não segue o curso que deveria seguir, como o recalque, por exemplo. Para tentar circunscrever a experiência traumática, o psiquismo lança mão da compulsão à repetição para isolar e procurar controlar desesperadamente a irrupção inesperada (BIRMAN 2014b). A repetição irá recriar o trauma, de maneira ativa, para que o

psiquismo possa antecipar-se e fazer o que não pode quando esse trauma se produziu (FREUD 1920/1996). Alguns psicanalistas atuais como Fernandes (2011) irão trazer a ideia de que existe uma nova forma de defesa do psiquismo, a clivagem. Esta não constituiria uma nova estrutura e só pode ocorrer se anteriormente tiver ocorrido o recalque, ou seja, o sujeito já estar constituído dentro de uma estrutura. Essa defesa ocorreria no momento em que a pulsão não é representada, sendo excluída do processamento psíquico, porém continuando dentro do psiquismo e, por consequência, causando seus efeitos. Por isso se fala em estados limites e clínica do não representado, já que dizem de manifestações de pulsões que não foram representadas, recalçadas ou seguiram qualquer outro caminho pulsional, incidindo diretamente nos corpos e nos atos dos sujeitos.

METODOLOGIA

Este trabalho pode ser considerado uma pesquisa teórica que utiliza como metodologia a revisão bibliográfica. Em termos gerais, são consideradas pesquisas teóricas aquelas que têm por finalidade o conhecer ou aprofundar conhecimentos e discussões (BARROS e LEHFELD, 2000, p. 78). Em síntese, é possível afirmar que a pesquisa teórica não requer coleta de dados e pesquisa de campo. Ela busca, em geral, compreender ou proporcionar um espaço para discussão de um tema ou uma questão intrigante da realidade (TACHIZAWA e MENDES, 2006).

Busquei na literatura autores que falam de temas subjacentes ao mal-estar na cultura contemporânea, sujeitos na contemporaneidade, corpo e psicanálise, pulsão e representação. Sempre priorizando autores referenciados teoricamente dentro de uma perspectiva psicanalítica freudo-lacaniana.

RESULTADOS

Os resultados dessa pesquisa têm mostrado que, na atualidade, pode-se falar em patologias do ato ou do corpo já que uma grande parte do mal-estar que acomete os sujeitos incide diretamente nesses registros psíquicos. Pode se falar também em uma fragilidade narcísica, visto que há uma exaltação da auto-imagem sempre almejando o olhar do outro.

Além disso, encontramos uma tendência a compulsão à repetição, já que o psiquismo visa reviver o trauma de forma ativa, para assim tentar reelaborar esse momento de forma que não seja traumática. Por isso alguns autores falam que, na contemporaneidade, as compulsões em geral tomam forma, já que são uma modalidade de agir que jamais encontra o alvo da ação. Alguns autores irão falar também de uma nova forma de defesa, a clivagem, que podemos pensar como uma nova forma de subjetivação já que a pulsão estará dentro do psiquismo mas não conseguirá ser processada, causando manifestações na ordem do corpo e da ação.

DISCUSSÃO

Se formos pensar em termos de subjetividade, podemos dizer que há uma grande mudança desde os tempos de Freud e isso podemos perceber em nossa experiência clínica, por exemplo. Dentro da minha experiência em uma clínica escola de Psicologia, no contexto de atendimentos individuais, essa cena contemporânea acontece. É comum chegar pacientes com queixas de um corpo que não está bem, de falta de autoestima em decorrência do não reconhecimento do olhar do outro, de uma constante dívida com eles mesmos em decorrência de ideias buscados, mas, sem saber como, nunca alcançados.

Podemos pensar no corpo com um bem hoje em dia, quase comparado ao um bem de consumo. Vivemos uma era em que tudo é descartável, pois o capitalismo está aí, oferecendo novos produtos a todo instante, fazendo-nos acreditar que o ideal é possível de ser

conseguido. A única coisa que permanece, então, é o corpo, e por isso tanto investimento em torno dele. Cada dia mais ouvimos falar em dietas milagrosas, novas academias, novos suplementos que prometem um corpo ideal e uma saúde impecável, colocando os sujeitos em uma compulsão à repetição já que esse ideal nunca é alcançado.

CONCLUSÕES

Podemos concluir que, assim como a cultura muda, as formas de subjetivação também mudam. Uma está diretamente atrelada à outra. Podemos cometer um erro se quisermos pensar na contemporaneidade como Freud pensou a modernidade, contexto em que viveu e escreveu sua obra. Desde lá, houve muitas mudanças no campo do social que pode se perceber a partir das individualidades que chegam procurando psicoterapia, por exemplo.

Dessa forma, pode-se dizer que vivemos na era do excesso, das intensidades, já que o traumático está diretamente atrelado a esse excesso pulsional que não consegue ser representado. É claro que não podemos descartar as manifestações que existiam na época de Freud (ou em outras épocas), mas podemos pensar que há um predomínio dessas outras manifestações, ou novas formas de ma-estar, já que somos seres de linguagem e esta está diretamente ligada a cultura.

Assim, cada cultura dita o mal-estar, ao mesmo tempo em que oferece atributos para os sujeitos lidarem com isso. Pensar na clivagem como algo novo pode ser um erro, já que Ferenczi já usava esse termo na época em que escreveu sua obra. Porém, os autores contemporâneos irão trazer novamente esse termo em um sentido diferente, diretamente atrelado à pulsão de morte que seria da ordem do irrepresentável, onde não há trabalho psíquico e onde impera a descarga imediata. Por isso é importante reconhecer essas novas formas de subjetivação e de vivenciar o mal-estar na cultura, para assim se repensar a clínica e os fazeres psi.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de Metodologia: Um Guia para a Iniciação Científica**. 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.

BIRMAN, J. A epopeia do corpo. In: MELO, B. L. **Eu-corpando**. São Paulo, Escuta, 1998

_____. **Mal-estar na atualidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014a.

_____. **O sujeito na contemporaneidade**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014b.

DEBORD, G. **La société du spectacle**. Paris: Gallimard, 1992.

FERNANDES, M. H. As relações entre o psíquico e o somático: o corpo na clínica psicanalítica. In Garcia, C. A. & Cardoso, M.R. (Org). **Limites da Clínica. Clínica dos Limites** (pp. 47-62). Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2011.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer (1920)**. In: Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

TACHIZAWA, T. e MENDES, G. **Como fazer monografia na prática**. 12 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.